

DEMÔNIA - MELODRAMA EM TRÊS ATOS

Por Susy Freitas

Como o próprio título dá a entender, *Demônia – melodrama em três atos* apresenta uma estrutura de aparente ordenamento estanque. A comédia de Fernanda Chicolet e Cainan Baladez, no entanto, trabalha em cima de um caráter anárquico e particular. Com isso, o curta deixa ao espectador possibilidades diversas de leitura da obra: perpassa o debate moral e religioso (assim como a hipocrisia com que tais questões são comumente expressas socialmente); abre espaço para pensarmos nos elementos estéticos de uma cultura-remix, calcada na eterna resignificação de produções prévias; ou nos impele a pensar na fluidez de linguagens multimidiáticas no audiovisual hoje. Tudo isso nos fazendo rir muito.

Indo por partes e abarcando os aspectos superficiais do filme, o primeiro ato apresenta o cerne da trama: Myrian (a própria diretora Fernanda Chicolet) e Rildo (Vinícius de Oliveira, o menino Josué de “Central do Brasil”) conversam e chegam ao ponto em que uma revelação bombástica sobre o marido dela, Silvan (Henrique Schafer), ameaça a amizade entre os primos.

Como poderíamos esperar de um melodrama, os personagens são facilmente definíveis, com falas e caracterizações fortes e de apelo popular fácil. A pegada documental da montagem, porém, começa a destrinchar os subtextos: Myrian prega sua carolice mais com palavras do que com ações, e a relação entre Rildo e Silvan, que demarca o conflito do roteiro, subverte o esperado naquele contexto, sob um olhar distanciado e neutro. Em resumo, o caricato pinta-se de naturalismo e vice-versa na direção acertada de Chicolet e Baladez.

O segundo ato, por sua vez, tem outros elementos que flertam com a ironia da presença do termo “melodrama” no título do curta. O motivo é que o sentimentalismo, a tragicomédia e linguagem popular, com seus exageros e tentativa de pegada pedagógica, encontram-se com o estilo de composição e montagem próprios de programas apelativos de televisão. As reações de Myrian são o foco desse ato, o que também conversa com a noção de melodrama enquanto subgênero fílmico voltado à mulher e, em especial, às dores (quase sempre amorosas) delas.

No lugar da câmera, que se pretende invisível, temos a câmera em cena, o policial intermediando e até mesmo um repórter fazendo passagem compondo a narrativa do drama do triângulo amoroso incidental formado por Myrian, Rildo e Silvan. O tom farsesco dialoga, por sua vez, com os planos e movimentos de câmera televisivos, ganhando uma estética diversa e, por sua vez, de grande identificação ao público, afeito ao audiovisual enquanto espetáculo de consumo hipnótico.

O curta diverte-se ao aumentar o absurdo tragicômico da situação tal como inúmeros programas policiais. Ao contrário destes últimos, porém, também expressa lacunas para

pensarmos criticamente sobre a forma como os personagens lidam com o conflito e sobre como a noção de mediatizar o acontecimento se infiltra em nossos valores hoje. Nesse sentido, *Demônia – melodrama em três atos* torna-se sutilmente pedagógico, dependendo de que nível de leitura o espectador se permite fazer.

De pegada ainda mais caótica, o terceiro e último ato abraça de vez o humor *nonsense* ao ir mais fundo nas entrelinhas que nos levam à reflexão sobre os usos e influências dos meios de comunicação (nesse caso, da internet). Vemos o hilário *remix* das imagens do programa televisivo que registraram o quiproquó de Myrian, Rildo e Silvan no segundo ato, com direito a música e edição de imagens que, no mundo real, garantiriam fácil viralização – afinal de contas, quem não compartilharia na redes sociais, no calor do momento, uma histérica Myrian acusando o marido de ser um demônio enquanto o rosto dele é substituído pelo de Michel Temer?

Entra aí a estética do humor online, com a edição vertiginosa das imagens, o excesso visual e os hiperestímulos definidos pelas piadas de um Reddit, um 4chan ou recantos mais obscuros da web. A direção vai do naturalismo ao espetáculo de fácil consumo da TV e aterrissa na atordoante atmosfera web, espaço em que nada se cria, tudo se reconfigura. O epílogo do curta, no qual vemos o resultado de tamanha mediatização do melodrama de Myrian, Rildo e Silvan, mostra bem a intenção dos diretores em nos sugerir esse subtexto, para além de nos fazer pensar nas hipocrisias de uma sociedade brasileira que se pretende moralmente tradicional, mas cujas digressões são norma silenciosa.